

XI CONGRESSO DE HISTÓRIA ECONÔMICA

ECONOMIA DE GUERRA:
GEOPOLÍTICA EM TEMPOS
DE PANDEMIA E CRISE SISTÊMICA

23 A 27 DE NOVEMBRO 2020





Expediente

Programa de Pós-graduação em História Econômica - FFLCH/USP

Coordenador (gestão 2018-2020)

Prof. Dr. Francisco de Assis Queiroz

Vice-coordenadora (gestão 2018-2020)

Profa. Dr^a. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi

XI Congresso de História Econômica - PPGHE/USP

Presidente

Prof. Dr^a. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi (FFLCH-USP)

Coordenador Científico Geral

Cristiano Addario de Abreu (Doutorando, PPGHE-USP)

Comissão Organizadora

Bruno Giovani Chequin (Doutorando, PPGHE-USP)

Luis Cláudio Reginato (Mestrando, PPGHE-USP)

Herick Vazquez Soares (Doutor, PPGHE-USP)

Juliana Resende Bonomo (Doutora, PPGHE-USP)

Moisés Stahl (Doutorando, PPGHE-USP)

Paulo Fernando Lara Pereira de Araujo (Mestre, PPGHE-USP)

Peterson Pessôa (Doutorando, PPGHE-USP)

Comissão Científica

Profa. Dr^a. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi (FFLCH-USP)

Prof^a. Dr^a. Raquel Glezer (FFLCH-USP)

Profa. Dr^a. Juliana Resende Bonomo (FFLCH-USP)

Coordenação Técnica Geral

Peterson Soares Pessôa

Crédito fotográfico

@cottonbro <<https://omycotton.com/>>

Sumário

1)	Apresentação	p.1
2)	Sobre o formato online	p.3
3)	Orientações aos participantes	p.4
	Inscrições para ouvintes (30 horas)	p.4
	Inscrições para participantes de minicursos (6 a 12 horas)	p.5
	Participante de mesa de conferência (3 horas)	p.6
	Como será realizada a verificação de frequência?	p.6
	Sobre o funcionamento da secretaria do evento	p.6
	Orientações técnicas aos/às participantes	p.7
4)	Programação	p.8
	Conferências	p.8
	Mesas de comunicações	p.9
5)	Ementas dos minicursos	p.18
1.	ANÁLISES DE SISTEMAS-MUNDO: UMA APROXIMAÇÃO SOBRE A ABORDAGEM TEÓRICA E SEUS MÉTODOS <i>André Stuchi de Almeida</i>	p.19
2.	PERSPECTIVAS PARA A HISTÓRIA ECONÔMICA DAS PRISÕES <i>Dirceu Franco Ferreira</i>	p.20
3.	FRONTEIRAS MONETÁRIAS NO CAPITALISMO INFORMACIONAL: TEORIAS, MODELOS E PROPOSTAS ANTI-FINANCEIRIZAÇÃO (CONCEITO, HISTÓRIA E FUTURO DO DINHEIRO) <i>Gilson Liberato Schwartz</i>	p.22
4.	AS MUDANÇAS NA ESTRUTURA FUNDIÁRIA BRASILEIRA E UM ESTUDO DE CASO DAS JUVENTUDES DO CAMPO <i>Kátia Aline da Costa</i>	p.25
5.	SESMARIAS, LAVOURA E PECUÁRIA: A CONSOLIDAÇÃO DE VILAS NOS SERTÕES DO MARANHÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII <i>Samir Lola Roland</i>	p.29
6.	FATORES HISTÓRICOS AO SURGIMENTO DO CRÉDITO, SEU DESENVOLVIMENTO ATÉ OS IMPACTOS NAS INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE ENSINO SUPERIOR E A DEMANDA POR UM CRÉDITO JUSTO EM SITUAÇÕES DE CRISE COMO A DA COVID-19 <i>Sandra Paula Dias Gama</i>	p.32
7.	A ECONOMIA NA BASE DA CONSTRUÇÃO DAS PIRÂMIDES DO ANTIGO EGITO <i>Thomas Henrique de Toledo Stella</i>	p.34

1) Apresentação

O que é, de fato, uma “economia de guerra”? Podemos utilizar a expressão “economia de guerra” para descrever a conjuntura econômica apresentada pela pandemia de Covid-19? Aqui, docentes, discentes e demais pesquisadores interessados nesse tema são convidados a debater. Afinal, a utilização do conceito de “economia de guerra” flexibilizou-se entre os atores políticos, sobretudo, para enfatizar um denominador comum entre as situações de guerra e da pandemia de 2020: o sacrifício. Provavelmente, essa analogia advenha do sofrimento e do trauma coletivo vivenciados na II Guerra Mundial (1939-1945).

Enquanto um conceito, o termo “economia de guerra” é utilizado para designar situações extremas vivenciadas por algumas nações durante os períodos de guerra total da contemporaneidade, como o exemplo referido da II Guerra Mundial. No entanto, como modelo explicativo, “economia de guerra” designa a centralidade da indústria bélica e dos conflitos militares para a formação do mundo contemporâneo e de que forma tais conflitos definiram a própria natureza do capitalismo que viemos a conhecer durante o século XX. Para nos restringirmos apenas às duas maiores economias atuais, não é difícil perceber de que maneira a indústria militar ocupou o centro da economia dos EUA e de que maneira a China atual brotou de duas guerras civis de extrema intensividade. A reflexão sobre a centralidade da guerra do século XX é importante para nos fazer refletir sobre como a comparação simplista com o passado pode ser enganosa e precipitada. Sendo assim, a fim de problematizar essa questão, também fazem parte do nosso escopo os debates sobre “crise sistêmica” e o papel das epidemias na História.

Dentro do tema “economia de guerra, geopolítica em tempos de pandemia e crise sistêmica”, pretendemos discutir diferentes questões, tais como:

- a) a necessidade estrutural de guerras, no centro do sistema, para o capitalismo monopolista dos EUA, bem como o impacto desses investimentos na inovação tecnológica exponencial no mundo, tributário desse “keynesianismo militar”;
- b) a crônica crise sistêmica, desde o fim do Bretton-Woods, com as cada vez mais intensas disputas hegemônicas e anti-hegemônicas entre EUA e China;
- c) o redesenho do “Sistema Mundo Capitalista”, com a ascensão produtiva chinesa, fenômeno contemporâneo à chamada “Quarta Revolução Industrial” no centro do sistema.

Tais questões nos convidam a repensar esse redesenho sistêmico do capitalismo, vindo desde os anos 1970, frente ao atual momento de pandemia, que desnudou as políticas econômicas convencionais implementadas desde a falência de Bretton-Woods, o que nos leva a

teorizar e discutir a geopolítica da produção neste contexto adverso. Ainda que a pandemia tenha quase paralisado a produção industrial e de serviços nas economias centrais e emergentes, ela tem instaurado uma espécie de "keynesianismo viral", com possível reconversão industrial em setores estratégicos, dando, ainda que na paralisia, um cenário de economia de guerra na forma.

Aqui, então, emerge o nosso papel como historiadores: evitando a futurologia, cabe a nós, debruçarmo-nos sobre o passado, contribuindo para o entendimento das encruzilhadas que se apresentam no tempo presente. Nesse sentido, o XI Congresso de História Econômica da Universidade de São Paulo surge para cumprir dois objetivos.

O primeiro deles é apresentar o cotidiano do nosso trabalho científico. No cerne do XI Congresso, teremos a oportunidade de trazer para o espaço público um grande número de comunicações sobre o trabalho realizado pelo nosso corpo docente: os impasses da NEP durante os primeiros anos da União Soviética, os caminhos da agroindústria canavieira em São Paulo durante o século XX, o trabalho das quitandeiras na economia urbana e rural de Minas Gerais, os desafios sofridos pela política econômica do Chile de Salvador Allende, as disputas monetárias durante a Primeira República e o mercado de trigo do século XIV – são apenas exemplos de uma variedade de temas e problemas investigados durante os últimos anos no Programa de Pós-graduação em História Econômica da USP, em um trabalho que se acumula paulatinamente, trazendo à tona questões que contribuem e enriquecem o conhecimento científico.

Nosso segundo objetivo é dar voz a diversas formas de pensamento que proponham discutir conceitos e modelos teóricos capazes de descrever e analisar os diferentes processos econômicos que fizeram a nossa história. Logo, são bem-vindos trabalhos com temas diversos, circunscritos na área de conhecimento da História Econômica, assim como trabalhos interdisciplinares que levem em conta as questões da esfera econômica.

Para além dessas questões, são bem-vindos trabalhos que versem sobre diferentes temas, como o próprio conceito de “economia de guerra”, disputas hegemônicas, complexo industrial militar, guerras “frias e quentes”, políticas públicas emergenciais, políticas fiscais, concentração de renda, trabalho informal, desigualdade social, acesso e direito à saúde, acesso a saneamento básico e alimentação de qualidade, pobreza, questões de raça e de gênero, etc.

A Comissão Organizadora do XI Congresso do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da USP conta com a colaboração e a presença de todos os interessados em contribuir para a criação de um espaço de debate nesse campo de conhecimento.

2) Sobre o formato online

Em razão das barreiras sanitárias causadas pela pandemia de COVID-19, o Congresso do Programa de Pós-Graduação em História Econômica (PPGHE)/USP de 2020 será realizado, pela primeira vez, on-line. Até então, sempre realizamos o nosso Congresso de forma presencial e ele voltará a ser assim realizado, tão logo seja possível. Caso, em novembro deste ano, as aglomerações sejam liberadas, o evento também será realizado presencialmente.

De qualquer forma, a estrutura on-line que vem sendo montada fica como um legado para o Programa de Pós-Graduação em História Econômica, que poderá utilizá-la em eventos futuros, seja como uma alternativa em outras situações de quarentena, seja como um instrumento de difusão e ampliação do alcance da produção de seus docentes e discentes. Com isso, esperamos também democratizar o acesso ao conhecimento e colaborar com medidas de inclusão nos diálogos dentro da universidade pública e entre ela e a sociedade.

Outra novidade importante é que, contando com um grupo de trabalho dedicado especialmente às atividades editoriais, a Comissão do XI Congresso de Pós-Graduação em História Econômica realizará a publicação dos anais do IX e do X Congresso. Como nos eventos passados, convidamos a todos a enviarem artigos para a publicação nos anais do XI Congresso, com previsão de publicação em 2021.

Ressaltamos, enfim, que, como nos anos anteriores, o XI Congresso segue com seu caráter de evento científico de escala internacional. Esse ano teremos oportunidade de ter, entre os palestrantes, professores reconhecidos no cenário acadêmico e intelectual internacional. Nesse sentido, não custa lembrar que a participação no evento, assim como a publicação de artigos, contribui não apenas para o aumento da produção individual, mas também para a representação de um espaço rico de debates e de contatos com o universo de pesquisas em andamento.

Logo, convidamos a todos para participar e ajudar a construir mais essa etapa da história intelectual do Programa de Pós-Graduação de História Econômica-PPGHE/USP.

Desejamos força e saúde nesses dias difíceis;

A comissão organizadora

3) Orientações aos participantes

Inscrições para ouvintes (30 horas)

As inscrições para participação no evento na qualidade de ouvinte (mesas de comunicações e mesas de conferências) serão realizadas única e exclusivamente através do sítio da web do XI Congresso de História Econômica, por meio do formulário:

<<http://congressohistoriaeconomica.fflch.usp.br/xi-congresso-inscricao-para-ouvintes>>

Neste formulário, é obrigatório fornecer um <Nome Completo> e um <E-mail>. Recomendamos que o/a interessado/a em participar nesta modalidade utilize uma conta <Gmail.com> ou <email.usp.br>. As informações de acesso às atividades serão submetidas única e exclusivamente pela conta de E-mail cadastrada no formulário de inscrição.

Considerando o limite de utilização da aplicação *Google Meet*, o número máximo de inscrições nesta modalidade (com certificado de 30 horas de atividades) é de **no máximo 200 (duzentos) participantes**.

O prazo limite para inscrições se encerrará no dia 19 de novembro de 2020 (quinta-feira). No dia 20 de novembro (sexta-feira), serão encaminhados aos/às participantes inscritos/as E-mails de confirmação, contendo instruções de acesso às atividades.

Observação importante: o formulário de inscrição não submete e-mail automático de confirmação. Ao finalizar o preenchimento dos dados solicitados e o *CAPTCHA* (considerar caracteres maiúsculos e minúsculos) será exibida uma janela modal confirmando a gravação de dados no servidor.



Inscrições para participantes de minicursos (6-12 horas)

As inscrições para participação no evento na qualidade de participante de minicurso serão realizadas única e exclusivamente através do sítio da web do XI Congresso de História Econômica, por meio do formulário:

<http://congressohistoriaeconomica.fflch.usp.br/xi-congresso-inscricao-para-participantes-de-minicursos>

Neste formulário, é obrigatório fornecer um <Nome Completo>, um <E-mail> e escolher o minicurso pretendido (uma opção). Recomendamos que o/a interessado/a em participar nesta modalidade utilize uma conta <Gmail.com> ou <email.usp.br>. As informações de acesso às atividades serão submetidas única e exclusivamente pela conta de E-mail cadastrada no formulário de inscrição. Lembramos que as ementas dos minicursos estão disponíveis neste caderno de programação.

Considerando o limite de utilização da aplicação *Google Meet*, o número máximo de inscrições nesta modalidade é de **no máximo 200 (duzentos) participantes por minicurso, totalizando 1400 (hum mil e quatrocentos) participantes.**

O prazo limite para inscrições se encerrará no dia 19 de novembro de 2020 (quinta-feira). No dia 20 de novembro (sexta-feira), serão encaminhados aos/às participantes inscritos/as E-mails de confirmação, contendo instruções de acesso às atividades.

Observação importante: o formulário de inscrição não submete e-mail automático de confirmação. Ao finalizar o preenchimento dos dados solicitados e o *CAPTCHA* (considerar caracteres maiúsculos e minúsculos) será exibida uma janela modal confirmando a gravação de dados no servidor.



Participante de mesa de conferência (3 horas):

As mesas de conferências do XI Congresso de História Econômica do PPGHE/USP serão realizadas por meio da plataforma *Stremyard* e serão transmitidas para perfil do *Facebook* do Congresso e para a página de *YouTube* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Facebook XI Congresso PPGHE - <https://www.facebook.com/congressohistoriaeconomica>

Canal YouTube FFLCH - <https://www.youtube.com/channel/UCNiH334YQslyCIYxjkM0X8A>

Nesta modalidade, o/a participante não necessitará realizar inscrição prévia. Basta o/a interessado/a acessar o canal de sua preferência no horário especificado na programação e ficar atento à chamada feita pela Comissão Organizadora para preencher formulário a ser divulgado no momento da atividade. O <Nome> e o <E-mail> a serem informados neste formulário serão utilizados para confecção automatizada do certificado de participação (3 horas) e envio (por meio de link para pasta criptografada). É livre ao/à interessado/a participar de todas as mesas de conferências e receber certificados individuais para cada mesa que atender.

Como será realizada a verificação de frequência?

- *Para participantes inscritos na modalidade ouvinte (75% frequência):*

Comunicações: Listas de chamada (formulários) no sítio da web do evento
4 listas (terça, quarta, quinta e sexta);

Conferências: Listas de chamada (formulários) no sítio da web do evento
5 listas (segunda, terça, quarta, quinta e sexta);

- *Para participantes inscritos em minicursos (75% frequência):*

Listas de chamada (formulários) no sítio da web do evento
de 2 (duas) a 4 (quatro) listas, conforme a carga horária de cada minicurso

- *Para participantes de mesas de conferências (certificado 3 horas):*

Listas de chamada (formulário único) no sítio da web evento

Sobre o funcionamento da secretaria do evento:

Plataforma Google Meet
<https://meet.google.com/fpx-ztiu-xbw>

Dias de funcionamento:
terça-feira, 24 de novembro a sexta-feira, 27 de novembro

Horário de expediente:
de 9:00 às 16:00

Orientações técnicas aos/às participantes:

Configuração de hardware recomendada:

para coordenadores de mesa de comunicação e para ministrantes de minicursos



Fone de ouvido
c/ microfone (*headset* ou *in ear*)



Computador *Desktop*
ou *Laptop*



Conectar-se ao *modem*
via cabo *ethernet*

Acesso à aplicação Google Meet

(sugestão para todos/as os/as participantes)

- *Computador desktop/laptop:*

Navegadores (*browsers*): Google Chrome (Windows/MacOS/Linux) *proprietário*
<https://www.google.com/intl/pt-BR/chrome/>

Chromium (Windows/MacOS/Linux) *software livre*
<https://www.chromium.org/getting-involved/download-chromium/>

Utilização do navegador: Quando for participar de uma atividade (mesa de comunicação ou minicurso); abrir duas abas, a primeira com a conta de E-mail utilizada na inscrição do evento e a segunda com o *hiperlink* para a atividade; verificar se a aplicação (no canto superior à esquerda) está vinculada à conta google (Gmail ou Email USP) selecionada.

Observação importante (*para coordenadores de mesas de comunicação, apresentadores/as de comunicação e ministrantes de minicurso*): recomenda-se realizar “instalação limpa” do navegador (i. e. usar o navegador atualizado e sem completos e extensões, tais como *adblocks* e *anti-trackers*).

- *Smartphones:*

App Google Meet (Android/IOS)
vinculado à conta *Gmail* ou *Email USP*
utilizada na inscrição para o evento.

4) Programação

Conferências (19hs):

seg. - 23/nov

War Economy: geopolitics under coronavirus context*

Conferencistas: Mike Davis (UCLA) / Alexandre Barbosa (PPGHE/USP; IEB/USP)

Mediação: Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi (PPGHE/USP)

ter. - 24/nov

História Militar na Política do Brasil

Conferencistas: Karla Carloni (UFF) / Piero Leirner (UFSCAR)

Mediação: Lincon Secco (PPGHE/USP)

qua. - 25/nov

Sistema Único de Saúde (SUS), Consumo de Drogas e Álcool em Situação de Pandemia

Conferencistas: Silvia Badim (UNB) / Kenya Noronha (UFMG) / Henrique Carneiro (PPGHE/USP)

Mediação: Juliana Bonomo (PPGHE/USP)

qui. - 26/nov

Confronto e Complementaridade: a relação EUA-China no século XXI

Felipe Loureiro (PPGHE/USP) / José Luis Fiori (UFRJ) / Ernani Torres Filho (UFRJ). Mediação: Antônio Carlos Mazzeo (PPGHE/USP)

sex. - 27/nov

Homenagem à Celso Furtado

The historical foundations of MMT: its implications inside and outside the USA*

Conferencistas: Randall Wray (Bard College), Simone Deos (Unicamp)

Mediação: Cristiano Abreu (PPGHE/USP)

*obs: não haverá tradução simultânea

Comunicações (14hs-17hs30min):

ter. - 24/nov

Mesa 1 – 14hs00min às 15hs30min

- A CASA DA PONTE E A COMERCIALIZAÇÃO DE FAZENDAS DE GADO NOS SERTÕES DA BAHIA NO FINAL DO PERÍODO COLONIAL.
Augusto Fagundes Da Silva Dos Santos
- ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA E TERRITORIAL DA REAL FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO
Lilian da Rosa
- O MARANHÃO NA CRISE DO ANTIGO SISTEMA COLONIAL. SUBTÍTULO: COMÉRCIO E FINANCIAMENTO DO ALGODÃO BRASILEIRO NA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL
Roger Neves Dezuani
- A CONSOLIDAÇÃO DA CONQUISTA, OCUPAÇÃO E DO POVOAMENTO: A FORMAÇÃO DE VILAS NOS SERTÕES DO MARANHÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII
Samir Lola Roland

Mesa 2 – 14hs00min às 15hs30min

- ACESSO À TERRA EM RUANDA: POLÍTICA E REGULAMENTAÇÃO DE POSSE NO GOVERNO DA FRENTE PATRIÓTICA RUANDESA APÓS O GENOCÍDIO DE 1994
Danilo Ferreira Da Fonseca
- FALÊNCIAS E HIPOTECAS NA CRISE DO COMPLEXO CAFEEIRO DE JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS - 1920-1940
Nicélio do Amaral Barros
- PUXIRÕES: TRABALHO GRUPAL/AGRÍCOLA EM COMUNIDADES FAXINALENSES DO MUNICÍPIO DE REBOUÇAS-PR – AS INFLUÊNCIAS ECONÔMICAS POR TRÁS DA PRÁTICA.
Wellerson Emanuel ferreira
- A PROBLEMÁTICA DA SUCESSÃO GERACIONAL NA AGRICULTURA FAMILIAR DO SUDOESTE PARANAENSE
*Manoel Adir Kischener; Everton Marcos Batistela;
Serinei Cezar Grigolo; Airton Carlos Batistela*

Mesa 3 – 14hs00min às 15hs30min

- CAPITALISMO VIRÓTICO: A CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA, A SUPEREXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO E A PRODUÇÃO DE CORPOS MORTOS PARA O CAPITAL
Waniéry Loyvia de Almeida Silva
 - A CONVENÇÃO Nº 124 DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO: A SAÚDE DO JOVEM MINEIRO EM DISCUSSÃO GLOBAL (1963-1965)
José Pacheco dos Santos Júnior
 - A EDUCAÇÃO COMO TRANSIÇÃO ENTRE O TRABALHO MANUAL E O TRABALHO INTELLECTUAL NO BRASIL NEOLIBERAL DO SÉCULO XXI
Wellington Joao Da Silva
 - “LIBERDADE DO TRABALHO, LIBERDADE DA INDÚSTRIA”: O EXCEDENTE DE MÃO DE OBRA OPERÁRIA NA INDÚSTRIA PAULISTA
Eujacio R Silveira
-

Mesa 4 – 16hs00min às 17hs30min

- O SISTEMA DE COLONIZAÇÃO DE WAKEFIELD E OS DEBATES PARLAMENTARES SOBRE TERRAS DEVOLUTAS NA DÉCADA DE 1840
Marco Volpini Micheli
 - MARTINHO DE MELO E CASTRO E A CRISE DO ANTIGO SISTEMA COLONIAL: PERSPECTIVAS DE PESQUISA.
Mario Francisco Simões Junior
 - O PROBLEMA DA INSTAURAÇÃO DO CAPITALISMO NO BRASIL. FUNDAMENTOS, CARACTERÍSTICAS E CONSEQUÊNCIAS DA "VIA COLONIAL"
Diego Augusto Maia Baptista
 - A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A INDÚSTRIA BRASILEIRA, ESTÍMULO OU BARREIRA? UMA ANÁLISE SOBRE OS IMPACTOS DO CONFLITO SOBRE O SETOR INDUSTRIAL NACIONAL (1914-1918)
Amanda Gonçalves Marinho; Guilherme Barreto Bacellar Pereira
-

Mesa 5 – 16hs00min às 17hs30min

- O LIVRO COMO PARATEXTO: A COLEÇÃO “COMO LER A BÍBLIA” (1990-1992)
Carolina Bednarek Sobral
- TEMPO PRESENTE E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL
Maria Angela Raus

- PARA A COMPREENSÃO DE UMA HISTÓRIA DAS “ESTRUTURAS DO COTIDIANO”: FONTES PARA O ESTUDO DE CULTURA MATERIAL
Natânia Silva Ferreira
- NOTAS SOBRE O CINEMA BRASILEIRO NA “HEGEMONIA NEOLIBERAL”: OU, COMO O “SHAOLIN DO SERTÃO DERROT[OU] TOM HANKS EM MÉDIA POR SALA NO CEARÁ
Peterson Soares Pessôa

qua. - 25/nov

Mesa 6 – 14hs00min às 15hs30min

- AS INDÚSTRIAS TÊXTEIS DA VILA ARENS, EM JUNDIAÍ (1874 – 1930)
Carlos Camilo Mourão Junior
- UM RIO DE OBRAS: UMA ANÁLISE SOBRE AS INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (1956-1957)
Pedro Sousa da Silva
- INDUSTRIALIZAÇÃO PESADA E INTERNACIONALIZAÇÃO DE CAPITAIS NO BRASIL NO PÓS - SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UMA REINTERPRETAÇÃO PLANO DE METAS (1956 – 1961)
Acson Gusmão Franca
- A HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO CONTADA POR NÚMEROS: UM ESTUDO ACERCA DO CRESCIMENTO POPULACIONAL DA CAPITAL PAULISTANA DESDE A SUA FUNDAÇÃO ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XXI
Guilherme Ribeiro de Souza

Mesa 7 – 14hs00min às 15hs30min

- AS EPIDEMIAS SÃO HISTÓRICAS: UMA RELAÇÃO ENTRE AS DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS E CRISES ECONÔMICAS NA AMÉRICA PORTUGUESA
Rodrigo Perles Dantas
- VENDAS À BOA SAÚDE: MEDICAMENTOS E SERVIÇOS MÉDICOS NO PARANÁ ENTRE 1853 E 1930
Fábio Lucas da Cruz
- A INDÚSTRIA DA MODA E A CRISE DO CORONAVÍRUS
Giulia Falcone de Lourenço

- A CRISE DO CORONAVÍRUS E O FUTURO DO SISTEMA-MUNDO A PARTIR DA RELAÇÃO CHINA-EUA
Luiz Eduardo Simões de Souza
- A TEORIA KEYNESIANA, O BRASIL E A NARRATIVA “ECONOMIA VERSUS SAÚDE” DIANTE DA PANDEMIA: COMO AS ESTRATÉGIAS E POLÍTICAS ANTICÍCLICAS TÊM SIDO UTILIZADAS?
Eduardo Brandão Ornelas

Mesa 8 – 14hs00min às 15hs30min

- A DECOMPOSIÇÃO DO GOVERNO ALLENDE E A CLASSE TRABALHADORA CHILENA
Paulo Fernando Lara Pereira de Araujo
- OS INTELECTUAIS COMUNISTAS E AS QUESTÕES RACIAIS NOS ANOS 20: BRASIL E AMÉRICA LATINA
Geferson Santana
- O SEGUNDO GOVERNO DE VARGAS NA LITERATURA ECONÔMICA CONTEMPORÂNEA
Bruno Ferreira da Silva
- LIBERALISMO E TECNOCRACIA: UM ESTUDO COMPARATIVO DOS CONFLITOS ENTRE OS ECONOMISTAS NAS DITADURAS MILITARES DO CHILE (1973-1982) E DA ARGENTINA (1976-1982)
Marcos Taroco Resende

Mesa 9 – 16hs00min às 17hs30min

- HOME OFFICE E A DISCIPLINARIZAÇÃO DO TRABALHADOR NO BRASIL
Abraão da Cruz Tavares e Gabriella Rodrigues Rocha
- REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, TRABALHO, PRECARIZAÇÃO E ADOECIMENTO: A LÓGICA DA NOVA GESTÃO PÚBLICA ESCOLAR NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS ECONÔMICAS NEOLIBERAIS.
Lucilene Schunck Costa Pisaneschi
- FASUBRA: ASPECTOS HISTÓRICOS DA FEDERAÇÃO DE SINDICATOS DE TRABALHADORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICAS DO BRASIL .
Viviane Belizario de Freitas Guinossi & Carlos Bauer
- A COMPARAÇÃO ENTRE CLT-CARTA DEL LAVORO.
Francisco Quartim de Moraes

Mesa 10 – 14hs00min às 15hs30min

- PRESTAÇÃO DE CONTAS, VERDADE DOS ORÇAMENTOS E DIVISÃO DE PODERES NO IMPÉRIO DO BRASIL
Adelino Martins
- AS DESPESAS PÚBLICAS NA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO NOS PRIMEIROS ANOS APÓS A INDEPENDÊNCIA
Bruna de Jesus Barbosa da Silva
- DÍVIDA PÚBLICA E FINANCIAMENTO DO ESTADO NA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1821-1829)
Eduardo Silva Ramos
- O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES CAPITALISTAS NA BAHIA OITOCENTISTA: A TRAJETÓRIA DO CORONEL JOAQUIM PEDREIRA DE CERQUEIRA, 1850-1873
Allan da Silva de Freitas

qui. - 26/nov

Mesa 11 – 14hs00min às 15hs30min

- O PADRÃO DE REPRODUÇÃO DE CAPITAL PRIMÁRIO-EXPORTADOR E A REPRODUÇÃO AMPLIADA DA DEPENDÊNCIA
Diogo Eduardo Moysés Carvalho dos Santos
- O DESEMPENHO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA PAULISTA (2000-2010): NA PREDOMINÂNCIA DO REGIME DE ACUMULAÇÃO FINANCEIRA
Bruno Giovani Chequin
- AGRONEGÓCIO, ESTRUTURA FUNDIÁRIA E QUESTÃO DA FOME: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REVISTA GLOBO RURAL (1985-2015)
Denis Henrique Fiuza
- LIMITES DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E CRESCIMENTO ECONÔMICO PARA O PERÍODO ENTRE 2006 E 2010
Francisco Thainan Diniz Maia

Mesa 12 – 14hs00min às 15hs30min

- O LIVRO E A GUERRA: AS EDITORAS CLANDESTINAS DA RESISTÊNCIA FRANCESA E A CONSTRUÇÃO DO INTELLECTUAL ENGAJADO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX (1942-1947)
Fabiana Marchetti
 - DERMEVAL PIMENTA E A BUSCA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO MINEIRO (1937-1951)
Camila Amaral Pereira
 - AS RELAÇÕES ENTRE ARTE E POLÍTICA NA DITADURA BRASILEIRA
Luis Claudio Reginato Carvalho
 - CARVALHO PINTO: TRÊS ASPECTOS DE UM DESTACADO POLÍTICO PAULISTA DO SÉCULO XX
Felipe Ferreira Batista
-

Mesa 13 – 14hs00min às 15hs30min

- A ECONOMIA POLÍTICA DO SISTEMA PARTIDÁRIO PAULISTA NA QUARTA REPÚBLICA (1945-1965)
Felipe Ferreira Batista
 - ENTRE LIBERAIS, CONSERVADORES E AUTORITÁRIOS: RELAÇÕES INTELECTUAIS E POLÍTICO-ECONÔMICAS À DIREITA NA HISTÓRIA BRASILEIRA DO TEMPO PRESENTE*
Camila Barbosa Monção Miranda
 - LIÇÕES MEXICANAS PARA PENSAR AS NOVAS DIREITAS NA AMÉRICA LATINA
Ricardo Neves Streich
 - A AUTOGESTÃO NA ESPANHA REVOLUCIONÁRIA: UMA ANÁLISE DOS ESTUDOS DE FRANK MINTZ
Davi Luiz Paulino
-

Mesa 14 – 16hs00min às 17hs30min

- O NORDESTINO, A USINA E A CIDADE: TRABALHO E MIGRAÇÃO NO "MAR DE CANA"
Bruno César Pereira
- MULHERES VENEZUELANAS REFUGIADAS E SUAS FUGAS PARA DOURADOS-MS: (2015-2020)
Kátia Aline da Costa

- O REFLETIR A DEPENDÊNCIA QUÍMICA COMO SAÚDE PÚBLICA ATRAVÉS DOS DIREITOS HUMANOS.
Renato Silva Avelar
 - OS “INCONTROLADOS” DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA: BANDIDOS OU REVOLUCIONÁRIOS?
Igor Pasquini Pomini
-

Mesa 15 – 16h30min às 17h30min

- A TRILOGIA DO CAPITALISMO PERIFÉRICO E O ENSAÍSTA DON RAÚL
Fágnor João Maia Medeiros
- HICKS E VON MISES SOBRE HISTÓRIA E A HISTÓRIA ECONÔMICA: UM PARADOXO?
Múcio Tosta Gonçalves; Ana Luísa Costa Bernardes Faria
- O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA NO PENSAMENTO ECONÔMICO DE MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES
Paulo César das Neves Sanna Robilloti
- A “PRÉ-HISTÓRIA” DO DESENVOLVIMENTISMO E AS CRISES DE PARADIGMA: O NASCIMENTO DAS ESCOLAS DE PENSAMENTO ECONÔMICO NA ORIGEM DA TRADIÇÃO HETERODOXA.
Cristiano Addario de Abreu

sex. - 27/nov

Mesa 16 – 14h30min às 15h30min

- O ANTIGO EGITO NO COLAPSO DO SISTEMA-MUNDO DA IDADE DO BRONZE
Thomas Henrique de Toledo Stella
- ECONOMIA, CRISES SISTÊMICAS E AS GUERRAS EM THOMOND, 1276-1318.
Vinicius Marino Carvalho
- O PENSAMENTO ECONÔMICO DA ESCOLA DE SALAMANCA (1526-1604)
Suelem Halim Nardo De Carvalho
- AÇÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS DE SEBASTIÃO JOSÉ CARVALHO E MELLO NO CONTEXTO DO TERREMOTO DE LISBOA DE 1755: ANÁLISE DAS MEMÓRIAS E DAS CRÍTICAS SOBRE AS MEDIDAS ADOTADAS PELO ESTADO.
Ronaldo Capel

Mesa 17 – 14hs00min às 15hs30min

- A VIAGEM DO CONCEITO: MELHORAMENTO, PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO POLÍTICO MINEIRO
Gabriel do Carmo Lacerda
 - OS BANCOS E O CRÉDITO: A FORMAÇÃO DA REDE BANCÁRIA NO SUL DE MINAS GERAIS
Rafaela Carvalho Pinheiro
 - "DAI A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR": DO DÍZIMO AO ICMS - RAÍZES DA TRIBUTAÇÃO SOBRE O CONSUMO.
Camila Scacchetti
 - TRADUÇÕES DO DESENVOLVIMENTO: PRODUÇÃO TEÓRICA E CONSTRUÇÃO DE CONSENSO A PARTIR DE TESES DO NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS (NAEA/UFPA) – SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX AO TEMPO PRESENTE
Tayanná Santos de Jesus Sbrana
-

Mesa 18 – 14hs00min às 15hs30min

- JOVEM ENGELS EM MANCHESTER: ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL DO CAPITALISMO NA INGLATERRA (1842-1844)
Felipe Cotrim
 - INSTITUCIONALISMO E MARXISMO: UM DEBATE METODOLÓGICO
Isadora Pelegrini
 - DO HISTÓRICO NA NATUREZA À NATUREZA DO HISTÓRICO-SOCIAL: AS CONSIDERAÇÕES DE ENGELS A RESPEITO DA TEORIA EVOLUTIVA DARWINIANA
Rodrigo Nagem de Aragão
 - A PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA DE LENIN. ANÁLISE DIALÉTICA ENTRE IMPERIALISMO, DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO NA RÚSSIA E CONCEPÇÃO DE PARTIDO/VANGUARDA NA SUA ESTRATÉGIA SOCIALISTA
Yang Borges Chung
-

Mesa 19 – 16hs00min às 17hs30min

- DESENVOLVIMENTO SOB A MUNDIALIZAÇÃO CAPITALISTA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA ATIVIDADE TURÍSTICA, BRASIL APÓS 1990.
Dionatan França Rodrigues

- TENSÕES NA NOVA ORDEM ESTADUNIDENSE: CRISE HEGEMÔNICA OU SISTÊMICA?
Ricardo Antonio Soldera
 - A INDÚSTRIA MAQUILADORA NO MÉXICO: LIDERANÇA DE UMA TRAJETÓRIA DE CRESCIMENTO OU ALGOZ DA INSERÇÃO PERIFÉRICA?
Vinícius Figueiredo Silva
 - NOVAS DEPENDÊNCIAS E NEOEXTRATIVISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA
Vinicius Moraes da Cunha
-

Mesa 20 – 16hs00min às 17hs30min

- A COMUNA DE PARIS DE 1871: A GESTÃO COLETIVA E A INOVAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES POLÍTICO-ECONÔMICAS
João Felipe Bronzato
- A ANÁLISE DE SISTEMA-MUNDO EM GIOVANNI ARRIGHI: ARTICULAÇÕES DO CONCEITO DE HEGEMONIA
André Stuchi de Almeida
- METAMORFOSES DO CAPITALISMO E CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA: TENDÊNCIAS, CONTRATENDÊNCIAS E DIVISÃO CENTRO-PERIFERIA
Bruno Prado Prates
- RONALD REAGAN A POLÍTICA EXTERNA DE GUERRA FRIA DOS EUA ENTRE 1981-1984
Vinicius Martins Dalbelo

5) Ementas dos minicursos

- Minicursos serão ministrados no período matutino entre os dias 24 a 27 de novembro

ANÁLISES DE SISTEMAS-MUNDO: UMA APROXIMAÇÃO SOBRE A ABORDAGEM TEÓRICA E SEUS MÉTODOS (9hs)

André Stuchi de Almeida (EPPEN/UNIFESP)

Ementa: 1) *Definições introdutórias:* o que é a análise de sistemas-mundo e qual é sua relevância teórica no panorama dos estudos do capitalismo global?; o contexto histórico da teoria crítica das relações internacionais e a contribuição da análise de sistemas-mundo; 2) *Origens da análise de sistemas-mundo:* o panorama histórico do surgimento das análises de sistemas-mundo: os debates, transformações e intersecções da ciência histórica e das ciências sociais após a revolução braudeliana; os diálogos e rasuras de Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein; caracterização do contexto histórico das formulações na década de 1970, contraste com as teorias do imperialismo e da globalização e dilatação das perspectivas analíticas. 3) *Articulação dos conceitos basilares da análise de sistemas-mundo:* desenvolvimento desigual e combinado e a concepção marxista da expansão geográfica capitalista; a longa duração braudeliana e o desenvolvimento histórico das estruturas sócio-econômicas; gênese e desenvolvimento do capitalismo histórico e as correlações com a teoria marxista da economia e da história. 3) *Alguns interlocutores e continuadores da proposta wallersteiniana:* Terence Hopkins e a fundamentação metodológica para uma teoria dos sistemas-mundo; Giovanni Arrighi e a aplicação da análise nas relações internacionais e na geopolítica; a análise de sistemas-mundo nos ciclos sistêmicos de acumulação capitalista e a teoria da estabilidade hegemônica; 4) *Os interlocutores críticos da análise de sistemas-mundo:* Robert Brenner e a crítica ao marxismo neo-smithiano; Radhika Desai e a escola da Geopolitical Economy: crítica às teorias da estabilidade hegemônica e às teorias cosmopolitas na análise do capitalismo global.

Objetivos: Localizar a análise de sistemas-mundo no panorama da teoria crítica das relações internacionais e do estudo do capitalismo em escala internacional; Debater as origens da análise de sistemas-mundo como proposta interpretativa das relações econômicas no plano internacional, políticas no nível das relações interestatais e no desenvolvimento do capitalismo histórico, caracterizando a formulação da *Weltwirtschaft* em Fernand Braudel e da economia-mundo em Immanuel Wallerstein; Caracterizar o aporte teórico da análise de sistemas-mundo e as contribuições da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, do longo processo de formação do capitalismo histórico e da formação de hegemonias interestatais; Analisar a aplicação da proposta teórica nas concepções de Terence Hopkins e Giovanni Arrighi, buscando os pontos de contato e afastamentos em relação à formulação original e suas contribuições ao debate; Caracterizar os elementos fundamentais da crítica à análise de sistemas-mundo na crítica de Robert Brenner e Radhika Desai, bem como as contribuições à crítica da teoria da estabilidade hegemônica da escola da *Geopolitical Economy*.

Conteúdo: *Encontro I:* a gênese da análise de sistemas-mundo e seus substratos teóricos e conceituais; os diálogos do pensamento de Fernand Braudel e Immanuel Wallerstein; A formação do capitalismo histórico e do moderno sistema-mundo; as estruturas e sua construção histórica; a dinâmica do desenvolvimento desigual e combinado - centro, semiperiferia e periferia no sistema-mundo capitalista; uma alternativa à teoria do imperialismo? *Encontro II:* os rumos da análise de sistemas-mundo, aplicações dos conceitos, aproximações e distanciamentos dos teóricos fundadores; a articulação na obra de Giovanni Arrighi e de Terence K. Hopkins; o intercâmbio da análise com pensadores da geopolítica e da economia internacional. *Encontro III:* as principais críticas à análise de sistemas-mundo; Robert Brenner e o marxismo neo-smithiano; a crítica à teoria da estabilidade hegemônica e à

teoria dos ciclos de acumulação na concepção da Geopolitical Economy (Radhika Desai e James Parisot); a crítica a partir das novas teorias do imperialismo (Ellen Meiksins Wood, Moishe Postone, Alex Callinicos); balanço crítico da proposta analítica: usos, abusos e lacunas.

Bibliografia:

- ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX. Dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. pp. 1-26.
- _____.; SILVER, Beverly K. Caos e governabilidade no moderno sistema mundial. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. pp. 14-45.
- BRAUDEL, Fernand. Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII. Vol. 3: o tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Cap. 1 pp. 11-74.
- BRENNER, Robert. The origins of capitalist development: a critique of neo-smithian marxism. *New Left Review*, ed. 104. Londres: NLR, 1977. pp. 53-77.
- DESAI, R. From the neoclassical diversion to geopolitical economy. in: DESAI, R. (org.) *Theoretical engagements in geopolitical economy*. Emerald Group Publ., 2015, pp. 1-21.
- _____. *Geopolitical Economy: after US hegemony, globalization and Empire*. Londres: Pluto Press, 2013. Introduction: Why geopolitical economy?
- HOPKINS, Terence K. The study of capitalist World-economy: some introductory considerations. in: HOPKINS, Terence K., WALLERSTEIN, I. *World-systems analysis: theory and methodology*. Londres: Sage Publ., 1982. pp. 9-37.
- WALLERSTEIN, Immanuel. The modern World-system: capitalist agriculture and the origins of the european World-economy in the sistine century. Nova Iorque: Academic Press, 1974. pp. 3-11; pp. 347 – 357.
- _____. The rise and future demise of the World capitalist system: concepts for comparative analysis. *Comparative studies in society and history*, vol. 16, issue 4. 1974, pp. 387-415. disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0010-4175%28197409%2916%3A4%3C387%3ATRAFDO%3E2.o.CO%3B2-P>>
- _____. *World-systems analysis: an introduction*. Londres: Duke University Press, 2004.

PERSPECTIVAS PARA A HISTÓRIA ECONÔMICA DAS PRISÕES (10hs)

Dirceu Franco Ferreira (PPGHE/USP)

Ementa: considerando que a prisão e sua história são objetos que requerem um olhar interdisciplinar, o objetivo do minicurso é refletir sobre o potencial da intersecção entre economia e prisões. Propomos refletir sobre algumas abordagens que exploraram essa inter-relação, por meio da leitura de textos selecionados entre diferentes disciplinas, como a sociologia, a história e antropologia. Ao final, apresentaremos nossa própria perspectiva acerca da relação economia e prisão a partir de conclusões exploratórias de pesquisa de doutoramento em curso.

Em uma primeira parte, apresentaremos autores e textos referenciais para a constituição da abordagem interdisciplinar que pretendemos desenvolver. Nesse momento, discutiremos as

contribuições de Georg Rusche, Massimo Pavarini, Loïc Wacquant e Alessandro De Giorgi para a história das prisões e como aparecem no interior de uma tradição crítica do encarceramento, entendido no seio da relação capital e trabalho.

Na segunda parte do curso, faremos um breve percurso na bibliografia brasileira (história, sociologia, antropologia) que se dedicou ao estudo da relação entre o econômico e o prisional, a partir de diferentes perspectivas e interesses. Sem a pretensão de abarcar um campo hoje já bem consolidado nas ciências humanas, com vasta produção, delimitamos um recorte temporal e contemplaremos alguns estudos dedicados ao período do Brasil Independente. Dentro desse largo recorte, estabelecemos uma cronologia para orientar a escolha das leituras. Os grandes marcos dessa cronologia foram pensados com base em processos econômicos de grande impacto na sociedade brasileira. São eles: 1/período da independência ao pré-abolição; 2/período pós-abolição até os anos 1940; 3/pós-Segunda Guerra até a crise econômica dos anos finais da ditadura militar e início da transição democrática; 4/A consolidação do encarceramento em massa no Brasil, a partir dos anos 1990. O objetivo aqui é oferecer um panorama a respeito das pesquisas sobre a história das prisões no Brasil e, principalmente, apontar como elas podem contribuir com diferentes perspectivas econômicas sobre o universo prisional. Nesse universo incluímos instituições que atravessaram os séculos da história brasileira, desde o período colonial. Instituições que tiveram suas funções atualizadas pela modernização capitalista, mas que guardaram muito das práticas coloniais, como a exclusão territorial, o isolamento nos confins do país ou em territórios insulares, navios, a exploração da mão de obra dos prisioneiros ou o simples degredo. Os rastros dessas instituições chegam ao limiar do século XXI, em práticas contemporâneas de exclusão barbarização das condições de encarceramento e também de criminalização de pessoas e grupos sociais.

No último momento do curso demonstraremos o potencial da análise econômica aplicada ao contexto da política de encarceramento em São Paulo nos meados do século XX. Propomos colocar em discussão as bases empíricas e conceituais que informaram a elaboração do conceito de controle social do desenvolvimentismo, amadurecido ao longo da pesquisa em curso no doutoramento. O objetivo é, nesse momento, compartilhar e testar os limites dessa reflexão a respeito da política de encarceramento (uma das dimensões do controle social) praticada em São Paulo entre o final dos anos 1940 e início da década de 1960.

O discurso sobre o desenvolvimentismo fez sua estreia nas políticas de controle social nos governos paulistas de Adhemar de Barros e Lucas Garcez. Em seus governos iniciou-se uma crise sem precedentes nas instituições prisionais do estado, convulsionadas por uma série de rebeliões, fugas e outras reações mais ou menos violentas de parte da população aprisionada. Diante desse quadro, esses governos se apoiaram no ideário desenvolvimentista para justificar uma política prisional ancorada na expansão da estrutura física das prisões. Essa justificativa se pautou em uma associação direta entre termos próprios do espectro desenvolvimentista, como industrialização, urbanização e crescimento populacional concentrado, e o aumento da criminalidade. Este seria, na conjuntura desenvolvimentista, diretamente proporcional à expansão urbano-industrial e ao crescimento demográfico. Nesse sentido, a causa primordial da crise nas prisões seria o aumento natural do número de criminosos, realidade que legitimava a adoção de medidas de expansão das estruturas prisionais e também dos aparatos policiais. O econômico, nesse sentido, se colocava como fator determinante e inelutável. A seguir a rota econômica de crescimento industrial elaborada pelo consenso desenvolvimentista o resultado para a segurança pública seria o de contínua expansão do crime, a demandar naturalmente mais policiamento e, conseqüentemente, mais vagas nas cadeias do estado. A essa política de sacralização da política de expansão contínua das prisões, que se efetivou em São Paulo na década de 1950 – diferentemente de

outros estados, como Rio de Janeiro de Rio Grande do Sul, a população prisional paulista cresceu seis vezes nessa década -, ancorada no econômico é que identificamos pelo conceito de controle social do desenvolvimentismo. Outros autores, como Adalton Marques, pensam essas correlações entre o econômico e o prisional para contextos mais recentes da história brasileira. Em sua tese de doutoramento, Marques estabeleceu o conceito de política de controle punitivo-desenvolvimentista, em referência à política de encarceramento em massa consolidada no Brasil nos anos 2000.

Objetivos: o objetivo do minicurso é refletir sobre o potencial da intersecção entre história econômica e a história das prisões. Proporemos, nesse sentido, uma história econômica das prisões a partir de uma abordagem interdisciplinar, evocando textos de diferentes disciplinas, como a sociologia, a história e antropologia. Além disso, testaremos as possibilidades dessa reflexão ao examinar os resultados de pesquisa em andamento sobre a política de encarceramento praticada em São Paulo entre o final dos anos 1940 e início da década de 1960.

Conteúdo: num primeiro momento, apresentaremos autores e textos que servem de base para a constituição da abordagem interdisciplinar que pretendemos desenvolver e na qual a relação entre o econômico e a prisão ocupam o centro da reflexão. Num segundo momento, faremos um breve percurso na bibliografia brasileira (história, sociologia, antropologia) que se dedicou ao estudo da relação entre o econômico e o prisional, a partir de diferentes perspectivas e interesses. O terceiro e último momento do minicurso pretendemos demonstrar o potencial da análise econômica aplicada ao contexto da política de encarceramento em São Paulo nos meados do século XX. Propomos colocar em discussão as bases empíricas e conceituais que informaram a elaboração do conceito de controle social do desenvolvimentismo, amadurecido ao longo da pesquisa em curso no doutoramento.

Parte I (24/nov)

1. Georg Rusche: prisões e mercado de trabalho
2. Massimo Pavarini: prisões e a expansão econômica dos EUA no século XIX
3. Loïc Wacquant: prisões e a gestão da miséria
4. Alessandro De Giorgi: prisões no fordismo e no pós-fordismo

Parte II (25/nov)

1. Peter Beattie: a economia de uma comunidade prisional em território insular
2. Carlo Romani: colonização penitenciária no Brasil republicano
3. Alessandra Teixeira: controle social e economias criminais
4. Adalton Marques: ambivalência da humanização na era do punitivismo desenvolvimentista

Parte III (26/nov)

1. Uma perspectiva econômica sobre a crise nas prisões em São Paulo, em meados do século XX
2. Como o desenvolvimentismo informa o controle social: expansão do encarceramento

Bibliografia:

- Beattie, Peter, Punishment in Paradise: Race, Slavery, Human Rights, and a Nineteenth-Century Brazilian Penal Colony. Duke University Press, 2015.

- De Giorgi, Alessandro, A miséria governada através do sistema penal. Editora Revan, 2006.
- Marques, Adalton, Humanizar e expandir: uma genealogia da segurança pública em São Paulo. IBCCRIM, 2018.
- Pavarini, Massimo; Melossi, Dario. Cárcere e fábrica: as origens do sistema penitenciário (séculos XVI-XIX). Editora Revan, 2006.
- Kirchheimer, Otto; Rusche, Georg, Punição e estrutura social. Editora Revan, 2004.
- Romani, Carlo, Clevelandia, Oiapoque - aqui começa o Brasil! : transitos e confinamentos na fronteira com a Guiana Francesa (1900-1927). Tese de Doutorado, Unicamp, 2003.
- Teixeira, Alessandra, O Crime pelo avesso. Gestão dos ilegalismos na cidade de São Paulo. 1. ed. São Paulo: Alameda Editorial, 2016
- Wacquant, Loïc, As prisões da miséria. Editora Zahar, 2001.

FRONTEIRAS MONETÁRIAS NO CAPITALISMO INFORMACIONAL: TEORIAS, MODELOS E PROPOSTAS ANTI-FINANCEIRIZAÇÃO (Conceito, História e Futuro do Dinheiro)

Gilson Liberato Schwartz (ECA/USP & PPGHDL/USP)

Ementa: A digitalização financeira do mundo redesenhou produtos, serviços, mercados e políticas públicas, redefiniu as fronteiras entre o estatal, o privado e o pessoal, afetivo, reconfigurou a dinâmica política e transformou o planeta numa enorme esfera lúdica e interativa audiovisual global.

Nesse contexto, criptomoedas como o “bitcoin” desafiam as autoridades monetárias e os mecanismos de regulação, levando a própria digitalização financeira a um novo patamar de ubiquidade e determinação de escolhas. Moedas sociais, complementares e criativas ganham espaço nos debates e há propostas de superação da dominância financeira por meio de formas inovadoras e sustentáveis de monetização que podem representar possibilidades de estratégias anti-financeirização após a pandemia do coronavírus ou mesmo como uma forma emancipatória de enfrentar os seus riscos.

Na alvorada do século 21, a disrupção digital chega finalmente à fronteira do valor econômico: o próprio dinheiro, representação muitas vezes encarnada da riqueza, do valor e dos preços. Do bitcoin às moedas sociais locais, passando por transformações radicais nos meios de pagamento, sistemas de informação e tomada de decisões financeiras, as cidades são cada vez mais digitais e os mercados convertem-se em redes com as quais interagimos de modo cada vez mais imersivo em interfaces audiovisuais que definem comportamentos, demandas, modelos de negócio e horizontes para o desenvolvimento econômico.

O mini-curso “Fronteiras Monetárias no Capitalismo Informacional: Teorias, Modelos e Propostas Anti-Financeirização (Dinheiro: Conceito, História e Futuro)” aborda as principais teorias, modelos de implementação e horizontes de políticas públicas tendo em vista essa contemporânea reinvenção do Dinheiro. Especialistas participarão do debate o projeto de emissão e circulação de “moedas criativas” na “iconomia” da “Cidade do Conhecimento” da USP será apresentado como espaço para experimentação com a diversidade monetária alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Quais as transformações contemporâneas implicadas na digitalização do dinheiro e na emergência resultante de novos circuitos de monetização da produção, do consumo, da distribuição, do financiamento e da reciclagem de todos os bens e serviços, assim como da própria informação?

Especialistas em “FinTechs” (as empresas nascentes inovadoras em finanças), ativistas no campo das moedas sociais e complementares, pesquisadores das áreas jurídica, contábil, econômica e tecnológica e até o próprio Facebook orbitam em torno dessa nova esfera digital de alto impacto.

O mini-curso convida à reflexão sobre as tendências e desafios da convergência entre moedas digitais, novas tecnologias e inclusão social, criativa e sustentável na sociedade do conhecimento e no capitalismo informacional.

Teorias da moeda na história do pensamento econômico serão objeto de uma revisão crítica que aponta para a emergência de perspectivas interdisciplinares nos últimos anos. Modelos políticos e tecnológicos de criação e gestão de sistemas monetários locais, colaborativos e complementares às políticas de moeda de “curso forçado” serão revistas, assim como o papel dos bancos centrais e outras instituições e instâncias de regulação da ordem monetária. Finalmente, o curso convida a uma reflexão sobre o potencial de criação de novas ordens monetárias antitéticas à financeirização especulativa que marca o capitalismo informacional.

Objetivos: retomar a crítica à economia política e aos modelos de legitimação da ordem capitalista a partir de uma visão interdisciplinar, histórica e pragmática do dinheiro, sua história e seu futuro; ampliar o debate sobre a crise contemporânea e a violência, especialmente a violência do dinheiro; compartilhar conceitos, instrumentos e oportunidades de democratização monetária por meio de tecnologias de informação e comunicação, digitalização e gamificação.

Ao final, os participantes serão capazes de posicionar-se com autonomia e senso crítico sobre temas corriqueiramente apresentados em dimensões estritamente técnicas, colocando em perspectiva histórica e ética os desafios associados à evolução das formas, instrumentos e resultados da monetização e da financeirização das relações humanas, de suas implicações institucionais e limites conceituais.

Conteúdo:

- Aula 01 (24/nov)* - História do Dinheiro, das Dívidas e das Dádivas na Antropologia, História, Filosofia, Sociologia e Economia Política;
- Aula 02 (25/nov)* - Emergência Tecnológica e Disrupção Contemporânea: "bitcoin", "blockchain" e "fintech" no Estado de Exceção (Convidado: Diego Viana);
- Aula 03 (26/nov)* - Fronteiras da Reprodução Social e Infinito da Acumulação Capitalista: Moedas Pós-Antropoceno (Convidado: Júlio Lucchesi);
- Aula 04 (27/nov)* - Renda Mínima, Teto de Gastos e Outras Moedas Possíveis na Iconomia da Cidade do Conhecimento com Cripto-Moedas Criativas: Universidade, Inovação e Mudança em Rede (Convidado: Courtney Guimarães)

Entre as principais justificativas que neste momento se impõem é relevante destacar os amplos, irrestritos e profundos impactos da crise fiscal, monetária e financeira decorrente da crise sanitária global que se sobrepõe ao período já longo de amortecimento da crise financeira e fiscal de 2008 e à

emergência de criptomoedas que trazem desafios inéditos para as autoridades monetárias e demais agentes econômicos, corpos burocráticos e classes sociais implicadas.

Além de paradoxos conceituais e dificuldades de ordem tecnológica, as políticas monetárias exigem uma percepção multifatorial de dimensões deontológicas, éticas, institucionais, geopolíticas, sociais, culturais e epistemológicas que serão explicitadas no mini-curso com a participação de pesquisadores convidados.

Bibliografia Básica:

- Schwartz, G., O Capital em Jogo, Fundamentos Filosóficos da Especulação Financeira, Editora Campus, 2000, Cf. Resenha na Revista Brasileira de Política Internacional, por Magnoli, D. (2000), disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292000000100016
- Schwartz, G., Introdução à Iconomia, Editora da UFBA, disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30949>
- Viana, D., O esquema operatório da moeda: corpo, imagem e transindividual, Prêmio Teses USP 2019, disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-21022019-100801/pt-br.php>

Bibliografia Complementar:

- Canuto, O., Cavallari, M., The Mist of Central Bank Balance Sheets, The Huffington Post, February, 25, 2017, disponível em <https://www.joserobertoafonso.com.br/central-bank-balance-sheets-canuto-cavallari/>
- DFS Observatory – Institute of Tele-Information, <https://dfsobservatory.com/>
- Schwartz, G., Além da Estabilização, Tempo Social, 1999, disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701999000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Stiglitz, J., Central Banking in a Democratic Society, De Economist, 146, no.2, 1998, disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/161443694.pdf>
UN Digital Financial Inclusion - https://www.un.org/esa/ffd/wp-content/uploads/2016/01/Digital-Financial-Inclusion_ITU_IATF-Issue-Brief.pdf

AS MUDANÇAS NA ESTRUTURA FUNDIÁRIA BRASILEIRA E UM ESTUDO DE CASO DAS JUVENTUDES DO CAMPO (6hs)

Kátia Aline da Costa (UFGD)

Ementa: este minicurso propõe apresentar espaços de debates, e análises concluídas e/ou em andamento, ao historiar as transformações históricas, econômicas e sociais vivenciadas em assentamentos rurais de Reforma Agrária do Brasil. Mediante o escopo da temática envolvida pela linha de pesquisa “Agricultura, Estrutura Fundiária e Mercado”, privilegia-se mediar um debate sobre as

mudanças que se processam nas estruturas fundiárias dos complexos agrícolas distribuídos e demarcados em território brasileiro, ao apresentar, o resultado de uma pesquisa/estudo de caso, nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu, ambos localizados no município de Itaquiraí, estado de Mato Grosso do Sul. Ao analisar a conjuntura econômica atual do país, tais questões de pesquisa nos convidam a repensar: as relações sociais construídas entre famílias assentadas; o direcionamento e/ou ausência de políticas públicas adequadas à vida e permanência em assentamentos rurais, especialmente, para as juventudes do campo, objetos do estudo; os desafios de conclusão dos projetos familiares; o autorreconhecimento das juventudes como partícipes da vida no campo; a ênfase para as dificuldades e os dilemas vividos pelas juventude do campo ao definirem suas escolhas e planos para o futuro. Ao trazer à tona essas questões, pautamo-nos na investigação sobre o cotidiano e as representações sociais construídas pelas juventudes do campo, famílias assentadas, e sociedade civil, - de um modo geral, - discutindo semelhanças, diferenciações, aproximações e distanciamentos de projetos, perspectivas, e modos de vida, especialmente, em tempos em que o distanciamento social e o sofrimento coletivo possibilitam problematizar situações e o conceito “economia de guerra”.

Confirmamos que, as variadas preocupações com a atualidade e as relações geracionais são de longa data. Contudo, recentemente, as pesquisas sobre a estrutura fundiária e as juventudes do campo, possibilitaram a adição de investigações em outras áreas do conhecimento, e entre diferentes pesquisadores/as, sociólogas/os, antropólogas/os e historiadoras/historiadores, no objetivo de estudar a perspectiva de compreensão desta temática como categoria de análise.

Nessa perspectiva, compreendemos a estrutura fundiária envolvida num campo amplo de análise e, portanto, propomos abordar um debate que contemple diversas categorias como conceitos de jovens sem-terra (BRANCO, 2003), juventude rural (CASTRO, 2005), juventudes do campo, (COSTA, 2012), modos de ser e de viver (D'AQUINO, 1996). Esses objetos de investigação se inter-relacionam com o contexto e tema que perpassa o congresso neste ano, e privilegiam refletir questões voltadas aos sonhos, desejos, conquistas, mas também dificuldades e desilusões diante à economia de mercado e a estrutura fundiária brasileira.

Ao mesmo tempo tais discussões possibilitam refletir os sujeitos históricos e sociais envolvidos em trajetórias, experiências e lutas, em suas semelhanças e diferenciações de projetos e perspectivas de vida, e em razão do contexto atual, possibilita ainda analisar, a acentuação de desigualdades sociais, dificuldade de acesso e direito à educação, saúde, acesso à saneamento básico e alimentação de qualidade para toda a sociedade, além de contribuir também para o debate sobre novos campos voltadas à interseccionalidade, gênero, classe, raça. Portanto, intencionamos incluir nesse minicurso, propostas que contemplem o tema, ementa e objetivos dialogáveis com as diversas formas de pensamento, a fim de discutir conceitos e modelos teóricos capazes de descrever situações contemporâneas, ao impactar a necessidade de repensar os sujeitos sociais, mulheres, homens, crianças, jovens, adolescentes e idosos. Logo, são bem-vindos trabalhos e/ou debates com temas diversos, circunscritos na área de conhecimento da História, Sociologia, Antropologia, assim como diálogos interdisciplinares que apresentem questões de esfera econômica, social, cultural e política.

Objetivos: como objetivo geral deste minicurso, pretendemos incluir as principais problemáticas e variadas preocupações que envolvem os modos de ser e de viver no campo, e aspectos voltados à distribuição, economia e estrutura fundiária brasileira, ao considerar mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens e idosos como sujeitos históricos e sociais que sofrem interferência direta das desigualdades sociais, estruturais e excludentes que englobam a questão agrária brasileira.

Contempla os objetivos específicos: compreender o significado da "luta" pela terra, e dificuldades de permanência na terra, vivências, participação e organização social em assentamentos rurais; reconhecer a História Oral e a importância de seus aportes teórico-metodológico para pesquisa científica; articular os campos e especialidades do saber, História Social, Econômica e Política; desenvolver uma análise sobre as concepções e as representações construídas pelas juventudes do campo, sem perder de vista perspectivas de gênero, renda e geração; contribuir para o debate, no que tange, ao processo de análise histórico-social das juventudes, e sua relação com a agricultura e o mercado.

Conteúdo:

AULA 1 (24/nov): A questão da Reforma Agrária e os assentamentos rurais

- Antigas e novas estruturas fundiárias;
- Trabalhadores/as sem-terra e famílias assentadas;
- A "luta" pela terra e suas especificidades;

O objeto de investigação e a análise conceitual

- Dois projetos de assentamentos (P.As), o cotidiano e suas definições;
- Diferentes definições de juventudes;
- Pluralidade sociocultural da categoria juventudes;
- O autorreconhecimento como juventudes do campo;

AULA 02 (25/nov): O método de pesquisa em campo

- Fontes primárias e fontes secundárias;
- História Oral: o trabalho, desafios e possibilidades;
- As gerações de famílias: entre jovens do campo e famílias assentadas;
- Modos de ser e estar: representações de gênero e identidades;

Novos objetos na pesquisa com "Agricultura, Estrutura fundiária e mercado"

- Renda, educação, lazer e trabalho;
- Desigualdades estruturais e suas consequências;
- Desafios da realidade e o diálogo com a sociedade atual;
- Por novas políticas e a ruptura de antigas estruturas;

Bibliografia:

- ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. (Org). Juventudes: Outros Olhares Sobre a Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2007. p. 342.
- ANDRADE, E. A. de. Processo de Trabalho, Espaço e Sociabilidade: A Sericultura no Assentamento de Reforma Agrária do Horto Silvânia – Araraquara – São Paulo. Dissertação

(Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP - Araraquara: São Paulo, 1997.

- BARROS, Myriam Lins de. (org.) Família e Gerações. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- BATTESTIN, Simone. Ser Jovem e Ser Agricultor: A Agricultura Familiar Como Perspectiva e Projeto de Vida Para Filhas e Filhos de Agricultores do Município de Anchieta-ES. 2009. 206 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.
- BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996. p. 232.
- BRANCO, Maria Teresa Castelo. Jovens Sem-Terra Identidades em Movimento. Curitiba: Editora da UFPR, 2003, p. 176.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Um Historiador Fala de Teoria e Metodologia: Ensaio. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. Entre Ficar e Sair: Uma Etnografia da Construção Social da Categoria Juventude Rural. 2005. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CASTRO, M. B; STEPHAN, G. Juventudes Rurais: Cultura e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Instituto Souza Cruz, 2007.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CERTEAU, Michel. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CERTEAU, Michel. A Escrita da História. 1. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.
- COSTA, Kátia Aline da Costa. Juventudes do campo: cotidiano e representações sociais nos assentamentos rurais Santa Rosa e Guaçu em Itaquiraí-MS. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: Mato Grosso do Sul, 2012.
- D'AQUINO, Terezinha. A Casa, os Sítios e as Agrovilas: Uma Poética do Tempo e do Espaço no Assentamento Das Terras de Promissão –SP. In: Encontro da ANPOCS, Caxambu, 20. , 2002, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPOCS, 1996. p. 01-38.
- ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: Pelos Outros e Por Elas Mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. (Orgs). Juventudes: Outros Olhares Sobre a Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2007, p. 19-54.
- Eric Hobsbawm, Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991), 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 407.
- FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. Acampamento América Rodrigues da Silva: Esperanças e Desilusões na Memória dos Caminhantes que Lutam pela Terra. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara. 1997.
- GARRIDO, Joan Del Alcazar i. As Fontes Orais na Pesquisa Histórica: Uma Contribuição ao Debate. In: Revista Brasileira de História – Órgão da Organização Nacional dos Professores Universitários de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 33-54, set.92/ago.93.
- GRAZIANO DA SILVA, José. O Novo Rural Brasileiro. Campinas: UNICAMP, Instituto de Economia, 1999. 153p. (Coleção Pesquisa, 1).

- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 7. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.
- HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. 8. ed. Tradução de. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 124.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução Bernardo Leitão. [et al.] Campinas: SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LEFEBVRE, Henri. A Vida Cotidiana no Mundo Moderno. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. El Concepto de Representación. In: LEFEBVRE, Henri. La Presencia y La Ausencia. México: Fondo de Cultura Económica, 1983. p. 17-102.
- SCOTT, Parry. Gênero e Geração em Contextos Rurais: Algumas Considerações. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (org). Gênero e Geração em Contextos Rurais. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010, p. 17-35.
- SPOSITO, Marília Pontes. (Cord). Estado da Arte Sobre Juventude na Pós-Graduação Brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1996-2006), volume 2. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.
- STROPASOLAS, Valmir Luiz. O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p. 346.

Observação: O minicurso intitulado "As Mudanças na Estrutura Fundiária Brasileira e Um Estudo de Caso das Juventudes do Campo" é resultado de um trabalho categórico e de análise rigorosa, permitido por meio de uma pesquisa de Mestrado Stricto Sensu, desenvolvida e defendida pela pesquisadora proponente deste curso. Para acesso completo a fonte de pesquisa da dissertação de mestrado, "Juventudes do Campo: Cotidiano e Representações Sociais nos Assentamentos Rurais Santa Rosa e Guaçu", consultar o banco de teses e dissertações do PPGH-UFGD, disponível em:

<https://www.ppghufgd.com/academico/banco-de-teses-e-dissertacoes/>

SESMARIAS, LAVOURA E PECUÁRIA: A CONSOLIDAÇÃO DE VILAS NOS SERTÕES DO MARANHÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII (9hs)

Samir Lola Roland (UFMA)

Ementa: para o estudo do processo de conquista e ocupação da parte oriental do Maranhão e do Piauí (Vale do Parnaíba) a partir de suas perspectivas espaciais, nos fundamentamos, em algumas categorias e conceitos analíticos como a ideia de fronteira, sertão e território, fundamentais para a análise do processo de conquista e ocupação de um determinado espaço geográfico como o que estamos estudando no período colonial. As campinas orientais do Maranhão e ocidentais do Piauí, fronteira sul e leste do Estado, de um lado, dominada pelos rios Mearim, Munim, Pindaré, Itapecuru, Iguará, e de outro, pelo rio Gurgueia, São Francisco, foram alvo da expansão da "fronteira" de conquista e ocupação luso-maranhense e luso- pernambucana e baiana, desde o final do século XVII e que se estendeu durante a primeira metade do XVIII. Configurou-se aí uma nova organização territorial sobre os territórios indígenas, tornando-os espaço colonial a partir da implantação de criatórios de gado e instalação de

engenhos de açúcar. De fato, essa região se constituiu como um cenário representado pelas autoridades régias, administrativas e militares, a partir dos diversos conflitos e alianças entre moradores e nações indígenas, pelas áreas destinadas à plantação de cana-de-açúcar e, principalmente, para a criação de gado vacum e cavalar. Essa região teria sido importante para a abastecimento de carne, sobretudo, para os centros políticos administrativos de São Luís e Salvador, bem como para a exportação de couro para Lisboa a partir de 1755, com a criação da Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão. Desse modo, os conceitos de fronteira, sertão e território nos auxiliam na compreensão das relações sociais e de poder no Vale do Parnaíba durante o processo de conquista e ocupação territorial. Através dessa perspectiva, o objetivo principal é o de compreender o processo de conquista e ocupação a partir das distintas representações e sentidos que indivíduos e autoridades régias atribuíram a esse espaço que ocupavam e povoavam.

Objetivos: A proposta do mini curso, portanto, é compreender a parte oriental do Maranhão e oriental e ocidental do Piauí, não como um espaço físico concreto, mas a partir dos vários sentidos que homens e mulheres envolvidos na conquista e ocupação lhe atribuíam, a partir de suas experiências, durante o processo de conquista e colonização. Para tanto, torna-se importante relacionarmos as diversas perspectivas espaciais com olhar sobre a documentação primária onde termos como “fronteira”, “sertão” e “território”, aparecem em diversos relatos tanto das autoridades régias como dos moradores durante a conquista e ocupação da região.

Conteúdo:

25/11 - Apresentação do minicurso - Abordagem geral sobre os conceitos geográficos (região, fronteira, territorialidade etc.) que auxiliam na compreensão do espaço colonial.

26/11 - Segundo dia - Apresentação sobre como podemos compreender o espaço do Maranhão e Piauí colonial (século XVIII), a partir das fontes documentais (consultas, decretos, avisos, pareceres e cartas de sesmarias), da seção dos avulsos do Arquivo Histórico Ultramarino.

27/11 - Encerramento do mini curso - Discussão sobre questões referentes a expansão da conquista e consolidação da ocupação dos sertões do Maranhão e Piauí (século XVIII): problemas e perspectivas historiográficas.

Bibliografia:

- ALENCASTRE, José Martins Pereira de. “Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí”. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo XX (1857).
- ASSUNÇÃO, Paulo de. Negócios Jesuíticos: O Cotidiano da Administração dos Bens Divinos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- AVEAL, Carmen Margarida Oliveira. De senhorio colonial a território de mando: os acossamentos de Antônio Vieira de Melo no Sertão do Ararobá (Pernambuco, século XVIII). São Paulo: Revista Brasileira de História. v. 35, nº 70, 2015.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O feudo: A Casa da Torre de Garcia d’Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999.

- CABRAL, Maria do Socorro Coelho. Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: Edufma, 2008.
- CHAMBOULEYRON, Rafael; MELO, Vanice de. Governadores e índios, guerras e terras entre o Maranhão o Piauí (Primeira metade do século XVIII). Revista de História. São Paulo, nº 168, jan./jun., 2013.
- COELHO, Mauro Cezar. Do sertão para o mar. Um estudo sobre a experiência portuguesa na América, a partir da Colônia: o caso do Diretório dos índios (1751-1798). Tese de doutoramento (USP), 2005.
- DINIZ, Mônica. Sesmarias e posse de terras: política fundiária para assegurar a colonização brasileira. Revista Histórica, nº 2, jun., 2005.
- LAGO, Antônio Bernardino Pereira do. Estatística histórico-geográfica da Província do Maranhão. São Paulo: Editora Siciliano, 2001, p. 24.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. O devassamento do Piauí. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.
- MARQUES, César Augusto. Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão. São Luís: Cia. Editora Fon-Fon e Seleta Rio, 1970. Coleção São Luís – 3.
- MEIRELES, Mário M. História do Maranhão. São Paulo: Editora Siciliano, 2001.
- MOTT, Luiz. Piauí colonial: população, economia e sociedade. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010.
- MOTA, Antônia da Silva. Batismo, família e escravidão no Maranhão Colonial. Afro-Ásia, n. 55, 2017.
- MOTTA, Márcia. Direito à terra no Brasil: a gestação do conflito, 1795-1824. São Paulo: Alameda, 2009.
- NUNES, Odilon. Pesquisas para a História do Piauí. Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves. 2007.
- PESSOA, Ângelo Emílio. Ruínas da Tradição: A Casa da Torre Garcia D'Ávila – família e propriedade no Nordeste colonial. São Paulo: Tese de doutorado em História: FFLCH/USP, 2003.
- PORTO, Carlos Eugênio. Roteiro do Piauí. Rio de Janeiro: Editora Artenova s. a., 1974.
- SAMPAIO, Patrícia Melo. Espelhos partidos: etnia, legislação e desigualdade na colônia. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- SANTOS, Fabiano Vilaça dos. O governo das conquistas do norte: trajetórias administrativas no Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751-1780). Tese de doutoramento: São Paulo (2008).
- SOUSA JUNIOR, José Alves de. Tramas do cotidiano: religião, política, guerra e negócios no Grão-Pará do setecentos. Belém: ed. UFPA, 2012.
- SOUSA, Laura de Melo. Norma e conflito: Aspectos da História de Minas no Século XVIII. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Fontes:

- Arquivo Histórico Ultramarino
- Maranhão
 - Requerimento dos moradores da freguesia de São Bento de Balsas ao rei D. João V, solicitando provisão para poderem continuar as suas descobertas e povoações. Pedem, ainda, que nenhum provedor demarque as suas terras, sem a sua autorização. AHU, Maranhão. 18/01/1750. cx. 31, doc. 3179.

- Requerimento dos moradores da freguesia de São Bento de Balsas ao rei D. José, solicitando que se lhes passasse provisão para que ficassem isentos de sesmarias e demarcações enquanto não estivessem livres dos ataques dos índios. AHU, Maranhão. 18/11/1750. cx. 32, doc. 3233.
- Consulta do Conselho Ultramarino no ao rei D. José, sobre as diligências que o juiz de fora e provedor da Fazenda real do Maranhão efetuou nas demarcações das sesmarias no sertão da Parnaíba. AHU, Maranhão. 04/03/1755. cx. 35, doc. 3515.
- Requerimento do capitão da Guarda Real e deputado da Junta de Três Estados do Reino, Manuel de Sousa, ao rei D. José, solicitando a demarcação das terras de uma sesmaria que possuía, a fim de a câmara não as ocupar indevidamente. AHU, Maranhão. 17/03/1755. cx. 35, doc. 3532.
- Piauí
 - Mapa das sesmarias que a Casa da Torre e seus sócios pretendem no sertão do Piauí. AHU, Piauí. 13/10/1684. cx. 1, doc. 2.
 - Carta do chanceler da Relação e provedor-mor da Fazenda Real da Bahia, Manuel Antônio da Cunha de Soutomaior, ao rei D. José. AHU, Piauí. 18/08/1751. cx. 4, doc. 309.
 - Provisão (cópia do rei) ordenando a confirmação de sesmarias apenas aqueles que cultivarem as terras. AHU, Piauí. 20/10/1753. cx. 5, doc. 321.

FATORES HISTÓRICOS AO SURGIMENTO DO CRÉDITO, SEU DESENVOLVIMENTO ATÉ OS IMPACTOS NAS INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE ENSINO SUPERIOR E A DEMANDA POR UM CRÉDITO JUSTO EM SITUAÇÕES DE CRISE COMO A DA COVID-19 (6hs)

Sandra Paula Dias Gama (PPGHE/USP)

Ementa: abordagem Histórica sobre pontos importantes como o surgimento da moeda, desenvolvimento do comércio e do crédito que cominarão em desenvolvimento econômico na idade média e seus aspectos importantes, como o poder da igreja e a questão da usura. Max Weber e a ética protestante, a questão dos juros e o cenário econômico Capitalista, que cominaram na racionalização do trabalho e despontou para a acumulação. Entender a importância do crédito justo para o desenvolvimento econômico, como no cenário atual as empresas nacionais, multinacionais e as micro empresas contribuem para o crescimento do país. Microcrédito e o desenvolvimento social, exemplo de banco voltado ao desenvolvimento social o Grameen Bank, fundado em Bangladesh pelo professor Muhammad Yunus e retirou milhares de famílias da situação de pobreza. Equidade Social, Desenvolvimento como liberdade.

As dificuldades que o pobre enfrenta para conseguir sair da condição de miséria segundo estudos de Amartya Sen, estudioso citado por seus grandes trabalhos voltados a questão da pobreza. Proporção de pessoas em condição de pobreza e extrema pobreza no Brasil e a desigualdade de renda, instituídas também pelos bancos. Desenvolvimento Financeiro baseado em banco, lucro líquido dos cinco maiores bancos. Entendimentos de como está estruturado o mercado de Crédito, seus “números”, players, fundamentos, ferramentas de análise, estrutura, modelos, processos e estratégias; As frequentes crises (como a covid 19) e a falta de reserva financeira, que se instala na cultura e na falta de oportunidade de trabalho dos estudantes de escolas privadas, que recorrem ao crédito estudantil, mas no final do curso se tornam inadimplentes, pois não tem condições de pagamento da dívida. O crescente número de desempregados e a possibilidade do empreendedorismo como uma saída para desenvolvimento econômico, tendo como foco os estudantes das universidades privadas, assim como já abordado

pelo economista Paul Singer em 1999. O capitalismo está atualmente passando por uma ampla transformação nas relações de produção, desencadeada pela desindustrialização e pelo desassalariamento. O aumento brutal do desemprego é a primeira consequência. Mas todos compreendem ou ao menos intuem que este desemprego é conjuntural, temporário, transitório. A grande empresa capitalista, mergulhada em mercados globalizados, defende-se pela reestruturação. Dela resulta que apenas uma minoria de trabalhadores, que ocupa os lugares mais elevados da hierarquia ou que detém qualificações raras, continuará usufruindo plenamente da condição de empregado.

Objetivos: aspectos históricos como surgimento da moeda e início de operações de crédito na idade média, assim como o surgimento da contabilidade, nos remete a um desenvolvimento comercial e econômico, importantes para entender o universo financeiro em nossos dias atuais. A dificuldade que algumas pessoas enfrentam por não conseguirem sair da zona da pobreza mesmo com a existência de programas sociais desenvolvidos e implementados pelos governos ou organizações filantrópicas, gerou a iniciativa de desenvolver esse curso que traduz o impacto de diferentes tipos de crédito e sua atuação frente a melhora econômica e social de famílias que vivem em condição de pobreza e obtém acesso a alguns desses programas que, quando estruturado de forma organizada gera equidade social e econômica. Tomou-se como base a experiência vivida em universo financeiro, estratégico, educacional e comunidades carentes, e o estudo do surgimentos do microcrédito no final do século XX e sua implementação através do Banco Grammen pelo professor Muhammed Yunus, ganhador do Nobel da Paz, graças a suas iniciativas conseguiu retirar milhares de famílias da situação de pobreza em Bangladesh. Como base de fundamentação ao estudo, cercou-se das abordagens teóricas sobre economia, filosofia, e sociologia. Há evidências crescentes de que a desigualdade tem aumentado nas economias avançadas e emergentes, o microcrédito é uma vertente para a situação de melhoria de renda. Levantando atenção aos constantes cenários de crise que perpetuam nossa economia, dentre eles os referentes a covid 19.

Conteúdo:

- 1ª. Aula (24/nov) - Abordagem histórica do crédito
- Max Weber e o cenário capitalista, possibilidade de ganhos com juros
- Taxa de juros, crédito, e justiça econômica entre os poupadores e tomadores de recursos
- Microcrédito e o desenvolvimento social, taxas justas de juros e acesso aos bancos pelos pobres
- 2ª. Aula (25/nov) - Desenvolvimento como liberdade
- Indicadores sobre a pobreza no Brasil
- Desenvolvimento voltado a bancos
- Falta de reservas monetárias
- Crises, como a da covid 19
- Desemprego e Empreendedorismo

Bibliografia:

- Beck, T. 2003. "Stock Markets, Banks, and Economic Development: Theory and Evidence". EIB Papers 8 (1): 37-54.
- Diebolt, Claude and Michael Hauptert (2017). "A Cliometric Counterfactual: What if There Had Been Neither Fogel nor North?"
- Gama, Sandra Paula Dias. Análise de Crédito em Condições de Risco. Caderno de Atividades. Valinhos: Anhanguera Educacional, 2014.
- Goldin, Claudia (1994). "Cliometrics and the Nobel".

- Greif, Avner and Joel Mokyr (2017). "Cognitive rules, institutions, and economic growth: Douglass North and beyond".
- <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-01/credito-chega-r-32-trilhoes-em-2018-com-crescimento-de-55> 19/12/2019 Pesquisa: 15:07
- <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-01/credito-chega-r-32-trilhoes-em-2018-com-crescimento-de-55>. Pesquisa: 14/12/2019 – 14:00hs
- <https://portal.fgv.br/noticias/desigualdade-renda-brasil-bate-recorde-aponta-levantamento-fgv-ibre> 19/12/2019 Pesquisa: 14:02
- <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos> 19/12/2019 Pesquisa: 15:00
- <https://www.dieese.org.br/desempenhodosbancos/2019/desempenhoDosBancos2018.pdf> 19/12/2019 Pesquisa: 14:46
- Kindleberger. Charles P.; Aliber, Robert Z. Manias, Panics, and Crashes A History of Financial Crises, 5. ed. New Jersey: Editora Wiley, 2005.
- Levine, R. and S. Zervos. 1998. "Stock Markets, Banks, and Economic Growth". American Economic Association 88 (3): 537-558.
- SECURATO, José Roberto. Crédito: Análise e avaliação do risco. 2ª.ed. São Paulo: Ed. Saint Paul, 2012.
- SINGER, Paul. Globalização e desemprego: Diagnóstico e alternativas. 3ª.ed. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.
- WEBER, MAX. A ética Protestante e o espírito do capitalismo. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.
- YUNUS, Muhammad: O banqueiro dos pobres. Tradução Maria Cristina Guimarães Cupertino. 1.ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

A ECONOMIA NA BASE DA CONSTRUÇÃO DAS PIRÂMIDES DO ANTIGO EGITO (10hs)

Thomas Henrique de Toledo Stella (MAE/USP)

Ementa: Nas últimas três décadas, os estudos relacionados à construção das Pirâmides de Giza no Antigo Egito tiveram avanços sem precedentes, tanto através da Arqueologia quanto da História. Em geral, a maior parte do público interessado no tema insiste na pergunta “como foram construídas as pirâmides”, considerando exclusivamente as eventuais técnicas e tecnologias empregadas. Mas essa resposta vem sendo dada por outras vias: pelo estudo da economia e da sociedade por trás de um regime capaz de erguer obras de tal monumentalidade. Escavações em sítios arqueológicos no próprio complexo de Giza, especialmente as conduzidas desde a década de 1990 pela equipe do professor Mark Lehner do Instituto Oriental da Universidade de Chicago revelaram a vila onde habitavam, trabalhavam e eram sepultados os construtores das pirâmides. Isto esclareceu o papel deles na hierarquia social, seus hábitos alimentares e suas vidas cotidianas. Conclui-se que a força de trabalho era assalariada, paga em trigo, cevada e cerveja. Ou seja, os construtores de pirâmides não eram escravos, mas os profissionais mais qualificados para o trabalho artesanal da época. Era comum a esses trabalhadores receberem títulos honoríficos relacionados a suas funções na obra, os quais carregavam para o “além-vida” em suas sepulturas. Análises forenses de seus crânios revelaram que eles possuíam atendimento médico especializado e alguns deles foram submetidos até mesmo a complexas cirurgias. Ainda, em 2013, foi

encontrado o que o ex-Ministro de Antiguidades da República Árabe do Egito, Zahi Hawass, classificou como a maior descoberta da arqueologia egípcia no século XXI: dois papiros referindo-se ao próprio contexto da construção da Grande Pirâmide de Khufu. Trata-se do Diário de Merer (Papiros Jarf A e B no acervo Museu do Cairo e que foram encontrados por Pierre Tallet, da Universidade Paris-Sorbonne). O achado foi em Wadi al-Jarf onde se localizava um porto egípcio no Mar Vermelho. O documento trata do registro do transporte de blocos de pedras até as proximidades da planície de Giza onde se encontra o sítio arqueológico das pirâmides. Outro estudo na Grande Pirâmide de Khufu, denominado ScanPyramids, foi realizado através de uma parceria entre a Universidade do Cairo, o French HIP Institute e outras instituições francesas, egípcias e japonesas. Ele combinou técnicas não destrutivas como termografia infravermelha, tomografia Muon, simulação 3D e técnicas de reconstrução. Entre 2015 e 2017, foram anunciadas as descobertas de três novas câmaras na Grande Pirâmide, sendo a última delas do tamanho da Grande Galeria. Essas câmaras podem conter objetos que auxiliem ainda mais na compreensão de como as pirâmides foram feitas. Portanto, a Arqueologia e a História estão convergindo para se descobrir os mistérios por trás da construção dessas obras de 4,5 mil anos, que mobilizaram grande parte dos recursos e da força de trabalho disponível no Antigo Egito da época.

Objetivo: Apresentar as descobertas arqueológicas mencionadas e verificar como se estruturava a economia do Antigo Egito do Antigo Reinado, particularmente da 4ª Dinastia (2.613-2.498 aEC), de modo a entender que ela foi capaz de realizar essas obras fascinantes, que se encontram entre as mais importantes de toda a humanidade. Será apresentado o debate atualizado sobre os estudos científicos relacionado às Pirâmides do Antigo Egito, a fim de desconstruir com base na História e na Arqueologia as teorias conspiratórias e sensacionalistas sobre o tema.

Conteúdo:

Aula 1 – Formação do estado faraônico

- A cronologia geral do Antigo Egito pré-histórico, pré-dinástico e faraônico
- O Antigo Egito como civilização africana, oriental e mediterrânea
- Economia redistributiva ou Modo de Produção Asiático?

Aula 2 – Cosmogonias, religiões e tradição funerária

- A teologia heliopolitana e os Textos das Pirâmides
- A solarização da monarquia faraônica e sua reprodução na paisagem
- Ascensão e queda do Reino Antigo

Aula 3 – Mastabas e as Pirâmides de Saqqara, Dashour e Meidum

- Tumbas e mastabas das primeiras dinastias
- Saqqara: a primeira pirâmide construída
- As pirâmides de Snefru: evolução da técnica de construção

Aula 4 – O complexo de Giza e a Grande Pirâmide de Khufu

- Os sítios arqueológicos da necrópole de Giza e Giza Plateau Mapping Project
- Os construtores das pirâmides: a “cidade dos trabalhadores” e o Diário de Merer
- Análise da Grande Pirâmide de Khufu e as descobertas do ScanPyramids

Bibliografia Básica:

- GARCIA, Juan Carlos (2007). The state and the organization of the rural landscape in 3rd millennium BC pharaonic Egypt. IN Bollig, M., Bubbenzer, O., Vogelsang, R., Wotzka, H. (ed.), Aridity, Change and Conflict in Africa (Colloquium Africanum, 2), Heinrich Barth Institute, Cologne, p. 313-330.
- HAWASS, Zahi (2019). Montanhas dos Faraós. Editora Amorc.
- HAWASS, Zahi; LERNER, Mark (2017). Giza and the Pyramids. Thames & Hudson.
- LEHRNER, Mark (2005). Labor and the Pyramids: The Heit el-Ghurab “Workers Town” at Giza. IN Steinkeller, Piotr & Hudson, Michael. Labor in the Ancient World, vol. 5. SE Dresden.
- MUHS, Brian. The Ancient Egypt Economy (3000-30 BCE). Cambridge Univeristy Press.
- TALLET, Pierre (2017). Les Papyrus de la Mer Rouge I: Le Journal de Merer. IFAO.

Bibliografia Complementar:

- CARDOSO, Ciro (1982). O Antigo Egito. Editora Brasiliense.
- DAVID, Rosalie (2002). Religion and Magic in Ancient Egypt. Penguin.
- HORNING, Erick (1982). Conceptions of God in Ancient Egypt: The One and the Many. Cornell University Press.
- SHAW, Ian (2000). The Oxford History of Ancient Egypt. Oxford University Press.
- WILKINSON, Toby (2010). The Rise and Fall of Ancient Egypt. Blomsberry.

Sítios:

- **The Giza Plateau Mapping Project (GPMP)**
Oriental Institute/University of Chicago
<https://oi.uchicago.edu/research/projects/giza-plateau-mapping-project-gpmp-o>
- **ScanPyramids Project**
Faculty of Engineering/Cairo University
HIP.Institute/Heritage Innovation Preservation
<http://www.scanpyramids.org/>



**PPG
HE** ■

Programa de Pós-Graduação
em História Econômica



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP